



**Dispostos a correr riscos: a comunicação estratégica no filme
“A Chegada” e o conceito de dispositivo em Foucault¹**
**A willingness to take risks: The strategical communication in
the movie “Arrival” and the concept of dispositif according to
Foucault**

Aline Cristina de Souza Garcia

Diogo Henriques Hidalgo

Palavras-chave: dispositivo; Foucault; heptapod.

Este artigo analisa algumas das interações comunicacionais presentes no filme “A Chegada” (EUA, 2016, Dir. Denis Villeneuve), focalizando a comunicação entre humanos e alienígenas a partir dos conceitos de dispositivo de Michel Foucault e dispositivos interacionais de José Luiz Braga (2017). Examinamos as estratégias utilizadas por uma das personagens, a linguista Louise Banks, para se comunicar com os “heptapods”, aliens, identificando os dispositivos utilizados e avaliando possíveis motivos do êxito ou do fracasso na comunicação entre eles. Procura-se delinear a variedade de dispositivos comunicacionais presentes na tentativa de estabelecer um vínculo com os extraterrestres.

A metodologia utilizada teve início com a atenção, no filme, das partes que mais se destacam nesse aspecto comunicacional. Depois, foram separadas as cenas de interação direta entre humanos e alienígenas. Para entender melhor o conceito de

¹ Trabalho apresentado ao VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS.



dispositivo pela ótica de Foucault (1999), trabalhou-se a partir de “Microfísica do Poder”, além dos artigos de José Luiz Braga (2017;2018). Foram explorados também os textos de Carvalho e Parente (2009) e Gomes (2016), a respeito do cinema como sendo um dispositivo, além do artigo de Brown e Fleming (2018), sobre o aspecto do tempo no filme “A Chegada”. Após a construção dessas referências, os dispositivos utilizados por Banks foram descritos e, posteriormente, analisados de acordo com sua efetividade e com o apoio de “The Art and Science of Arrival”, a fim de compreender a linguagem criada no longa.

Existem artigos que exploram o próprio cinema como um dispositivo. Por exemplo, os escritos por Carvalho e Parente (2009) e Gomes (2016).

No primeiro, os autores refletem criticamente sobre a forma “cinema”, os elementos que o caracterizam e suas mudanças. “Nosso ponto de partida é a problematização do dispositivo cinematográfico, tendo em vista uma tensão entre seu modelo hegemônico e suas possibilidades de desvio e reinvenção no contexto das novas tecnologias” (Carvalho e Parente, 2009, p. 29)

O segundo artigo discute o efeito verossímil que o cinema transmite, contrastando com o filme “Cópia Fiel” (França, 2010, Dir. Abbas Kiarostami) que desconstrói essa ideia com base no conceito de dispositivo.

“Para Kiarostami, o aparato cinematográfico é, antes de um captador do real, um dispositivo de desconstrução e recriação. O seu cinema não é ‘transparente’. Não obedece a regras pré-estabelecidas que elevariam o produto final a um grau elevado de ilusão do real.” (Gomes, 2016, p. 159)

O artigo de Brown e Fleming (2018), por sua vez, analisa o filme sob a perspectiva temporal, uma vez que a língua dos extraterrestres permite ter visões do



futuro para quem a compreende. Esse texto foi importante para a identificação da forma como o filme foi retratado.

Embora se reconheça que o cinema é considerado como sendo um dispositivo, este texto explora os dispositivos presentes nas interações entre as personagens do filme. O foco do artigo concentra-se nos dispositivos comunicacionais retratados pelo longa.

Optou-se pelo filme “A Chegada” pelo seu enredo estar focado principalmente na comunicação e na linguagem. A trama principal gira em torno da linguista Banks tentando descobrir o propósito da vinda dos alienígenas à Terra. O filme retrata diversos momentos em que a comunicação assume o primeiro plano na história, por precisar ser elaborada do zero. Como recorte, foram destacadas cenas nas quais são mostradas em detalhes a tentativa de construção de dispositivos interacionais, buscando perceber quais são seus aspectos mais relevantes da comunicação, que, segundo Braga (2017), permite elaborar uma metodologia de pesquisa: “nesse espaço de observação de ocorrências – no episódio, no caso concreto – é que melhor percebemos aspectos relevantes do fenômeno” (Braga, 2017, p. 18).

Toma-se como exemplo cinco cenas em que a interação entre humano e alienígena se torna o foco principal. Através delas é possível compreender as dinâmicas utilizadas pela dra. Banks para iniciar o diálogo com os extraterrestres.

A primeira cena (minutagem: 36 mins - 39 mins) se passa durante o segundo encontro de Banks com os alienígenas e mostra a primeira interação vista em tela entre os dois lados. Seu destaque é para o primeiro passo dado pela especialista ao iniciar um diálogo com os alienígenas de forma escrita. Com o auxílio de um elemento visual, uma lousa, a doutora escreve a palavra "humano" e gesticula (outro componente do dispositivo visual) em direção de si mesma, sendo esse o primeiro passo para a comunicação no filme.



A segunda cena (43 mins - 49 mins) apresenta um passo maior dado por Banks. A linguista remove seu equipamento de segurança, e essa ação funciona como um componente do dispositivo visual de apresentação. Isso permite que ela se destaque de seus colegas de equipe e apresenta dentro da língua uma palavra que a individualize do grupo. No caso, a palavra escolhida é "Louise", seu nome. A partir desse momento, os alienígenas foram apresentados a duas palavras: "humano" para o coletivo e "Louise" para denominar a doutora. Isso gera uma resposta dos *heptapods* que, seguindo o exemplo de Louise, apresentam-se através do uso de logogramas, isto é, os símbolos utilizados como língua escrita que não necessita da intervenção da fala.

Para melhor compreender as nuances da língua dos alienígenas, há uma divisão intitulada *Heptapod A*, a linguagem fonética composta de sons ininteligíveis para a equipe de pesquisadores, e *Heptapod B*, a linguagem escrita. Logo, *Heptapod A* e *Heptapod B* são distintos. Não há uma conexão entre o que os alienígenas dizem e aquilo que escrevem. Essa divisão pode ser encontrada em Lapointe (2022).

Há também nessa cena uma aproximação física por parte de Banks. Ela se aproxima do vidro utilizado para separar os alienígenas dos humanos e usa um componente físico ao tocar no vidro-divisória. Como resposta à ação, um dos *heptapods* faz o mesmo e tem-se um "aperto de mãos" simbólico, e uma primeira introdução entre humanos e *heptapods*.

A terceira cena (52 mins - 56 mins) é a mais informativa do filme. Através de uma narração da personagem Ian, elenca-se uma série de dados sobre os *heptapods* e o modo como a comunicação entre as duas espécies está acontecendo. É a partir dela que se torna possível observar de forma prática os avanços da doutora e seus métodos de investigação na construção da comunicação. Em um exemplo, Ian está andando de um lado a outro em frente à uma lousa com a frase "Ian anda" escrita. Isso junta dois componentes visuais do dispositivo comunicacional, a escrita na lousa e a demonstração prática do ato escrito.



A quarta cena (1h05 mins - 1h07 mins) mostra um domínio maior por parte dos humanos sobre a língua alienígena. A dra. Banks se mostra capaz de distinguir símbolos e suas nuances, utilizando-os para se comunicar com os alienígenas. A cena tem como foco um equívoco ocasionado pela tradução de uma palavra ("arma") e o modo como ela pode ser interpretada.

A quinta cena (1h26 mins - 1h32 mins) é o último encontro de Louise com os alienígenas. O nível de entendimento das duas partes em relação às línguas utilizadas é alto e Banks consegue ter um diálogo direto com um dos *heptapods*. Nessa cena ela descobre que tem visões do futuro por ter aprendido a linguagem *Heptapod B*.

Além disso, o exemplo ficcional da interação com os extraterrestres é um convite para a reflexão acerca da comunicação como sendo também parte de uma rede de poderes, que necessitam de adaptações e rearranjos a depender da reação que provocam. Essa relação fica ainda mais clara quando percebemos que Banks está trabalhando para o serviço secreto dos EUA, existindo um interesse político e econômico envolvido na interação. Foucault (2001) explora a ideia do poder como intrinsecamente ligado à definição de dispositivo.

“O dispositivo, portanto, está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem, mas que igualmente o condicionam. É isto o dispositivo: estratégias de relações de forças sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles” (Foucault, 2001, p. 246)

Para que seja possível estabelecer a comunicação entre dois lados diversos, é importante entender os mecanismos que a permitem. Dispositivos criam disposições para comunicação e, no filme "A Chegada", eles estão presentes no caminho utilizado pela dra. Banks e sua equipe para desvendar a língua alienígena e ensiná-los uma língua humana (nesse caso, o inglês).



Os desafios são inúmeros e vão desde traçar uma base introdutória inicial com uma língua de origem desconhecida até entender os significados para além da linguagem (entendimento, visão e tempo). Inicialmente, o êxito parece improvável tendo em vista a ideia de se comunicar com alienígenas. Mas, a partir dessa improbabilidade, a dra. Banks utiliza dispositivos para criar um vínculo com os extraterrestres. No final, a doutora tem êxito em sua missão e descobre que os alienígenas precisarão da ajuda dos seres humanos em 3000 anos. Por isso, eles oferecem a própria linguagem *heptapod* como uma ferramenta que dá aos humanos a capacidade de ter visões sobre o futuro, a fim de ter apoio.

Percebe-se que, para o sucesso da comunicação foi preciso disposição de ambas as partes, tanto dos alienígenas como dos pesquisadores. Embora Banks tenha tomado as iniciativas para ensinar o inglês e aprender a língua *heptapod*, em nenhum momento os alienígenas se mostraram avessos à interação. Pelo contrário, havia reciprocidade e interesses dos dois lados.

Também se observou que a comunicação nas sessões foi bem sucedida devido ao uso de diversos dispositivos interacionais com foco em um objetivo. A estratégia montada pela doutora baseava-se na necessidade de obter respostas sobre a motivação dos alienígenas. Assim, ela conduziu as sessões de acordo com o que os alienígenas precisam para compreender a pergunta e formular uma resposta coerente. A partir disso, a diferenciação de indivíduo e coletivo, a noção de verbos e a do ponto de interrogação, por exemplo, foram essenciais para a descoberta sobre os interesses dos *heptapods*.

Destaca-se também a interpretação aberta que Louise faz da escrita semasiográfica, sabendo que por viverem em um contexto diferente do dela e estarem aprendendo, os alienígenas poderão usar símbolos que não são os mais precisos. É o que acontece na quarta cena, em que a linguista interpreta o símbolo “arma” como um sinônimo de “ferramenta”. Porém, devido ao jogo de poderes e por ela estar submetida ao serviço secreto, há um ruído comunicacional por divergência de interpretações. Isso



acarreta na implantação de uma bomba na nave espacial, que quase faz com que a operação fracasse.

Os paralelos traçados no filme mostram que o conceito de dispositivo é preciso em criar uma disposição para que aconteça a comunicação. Comunicar-se deixa de soar como um problema e passa a se tornar um objetivo em comum.

Referências

BRAGA, José Luiz. Dispositivos Interacionais. Campina Grande: EDUEPB, 2017.

BRAGA, José Luiz. Interagindo com Foucault: Os arranjos disposicionais e a comunicação. Belo Horizonte: E-Compós, 2018.

BROWN, William; FLEMING, David. Through a (First) Contact Lens Darkly: Arrival, Unreal Time and Chthulucinema. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2018.

CARVALHO, Victa de; PARENTE, André. Entre cinema e arte contemporânea. São Paulo: Revista Galáxia, 2009.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

GOMES. O conceito de dispositivo e análise fílmica: reflexões sobre a quebra da “ilusão de realidade” em Cópia Fiel de Abbas Kiarostami. Ouro Preto: Temática, 2016.

LAPOINTE, Tanya. The Art and Science of Arrival. Londres: Titan Books, 2022.